

643
1951

QUINTA, FEIRA

1890. 15 de outubro de 1890
 1891. 15 de novembro de 1891
 1892. 15 de dezembro de 1892
 1893. 15 de janeiro de 1893

Escritório da Directoria de Rec. Direita, n. 92

José Echeppa d'Oliveira
 Manoel José Rapomuceno
 Venancio Pires Lisboa
 Luiz Joaquim Moreira Serra
 Joaquim Jorge de Fontes Neves

Francisco José de Couto
 Alfredo José de Gouveia
 João Pereira Roberto
 José Manoel Metello
 José de Costa Silva
 Placido de S. Monteiro
 José Joaquim de Aguiar Gomes
 Virgílio de Paula Silva

[illegible]

10 - a. Agostina, o. d. e. m. A. d. o. c. e. r. a. v. o.
10. Joaquim Gonçalves de Azevedo; p. b. - f. u. l. -
o. d. o. - f. e. d. a. s. - m. d. o. - c. e. r. a. v. o. o. e.
Secretaria da S. P. d. m. e. m. o. d. a. b. a. - 4200
Dezembro de 1864. (m. x. e. t. e. r. q. t.)

RETOBREM: EMBUDICORAM

III

[illegible]

ustamento, proletária e miserável, como um meio de escapar do recrutamento forçado; assim é que iríamos entregar o nosso patrimônio sagrado e importante da sociedade.

A maioria parte do clube sempre excluída
e voltar por uma nem todos os casos de

alma; assim como os oficiais militares, porque a maioria não tem commando superior: a classe de mestres ou professo-

[illegible]

2.º Porque, há já uma contabilidade predial rural, se necessária, antes de tudo de um cadastro — onde o leão não? Que é feito aqui, hoje de tantas terras, para o resultado, apesar de milhes gastos, em pesse fim? Como, obteríamos, um cadastro, se não podemos obter um simples recenseamento? Ignora acaso alguma pessoa, Bartzik, o que aconteceu com a quando ler do campo, ali, a respeito do cadastro brasileiro, que não se o arrolamento ou assentamentos prediais, como seus valores. Se não pode mais ainda obter o simples arrolamento, como obteríamos seus valores, em um país tão extenso como o Brasil, composto de terras beneficiadas e por beneficiar, de tão distintas produções, e de limites inconfundíveis?

[illegible]

valor. Entretanto que a questão é de presente, quando muito para 1864.

Não sei se seria bom, que adoptassemos um projecto da camara dos pares em Portugal (transcripto no *Jornal do Commercio* de Lisboa do 1.º de Junho do corrente anno de 1861.) creando registros prediaes, onde se faça por matricula e averbamentos uma resumida descripção dos predios, com todas as declarações de dominio, posse, direitos, ou encargos prediaes, etc. E porém, se ainda não foi possível alcançar o fim da lei de 18 de Setembro de 1850, que foi tão somente o registro ou matricula das terras possuidas, como conseguirmos tudo o mais quanto exige o citado projecto portuguez?

Baldos de todos os meios, que naturalmente conduzem a uma apreciação da propriedade, da riqueza, e da capacidade individual, para a qualificação do votante em uma eleição directa, só temos de recorrer a uma qualificação por classes ou categorias sociais em todos os ramos da publica administração, ou da vida social. Neste caso teriamos de fazer uma lei casuistica, a peior de todas as leis, porque é a mais facil de abusar. Todavia não vemos outro remedio.

CONDIÇÕES EXIGIDAS PARA A QUALIFICAÇÃO DE VOTANTES NO SYSTEMA DA ELEIÇÃO DIRECTA.

1.º Ninguém poderá votar, nem ser votado, sem ter 25 annos completos de idade, seja qual for a sua condição. (Ja justificamos esta condição, que nos parece essencial.)

2.º Todos os bachareis e doutores das nossas escolas, ou estrangeiras, legalmente habilitados, são aptos para votarem, assim como.

3.º Todos os presbyteros seculares.

4.º Todos os officiaes de patente do exercito e armada, quer activos quer reformados.

5.º Todos os negociantes matriculados; seus guarda-livros e primeiros caixeiros; cujas nomeações forem devidamente registradas seis mezes antes da eleição.

6.º Todo o proprietario de uma herra de raiz livre e desembaraçada no valor de dez contos de réis nas grandes capitães; e de cinco contos nas outras cidades, villas, ou no campo, e d'ahi para cima.

7.º Todo aquelle que tiver em fundos publicos (divida publica ou bancos autorizados pelo governo) um capital de dez contos de réis, e d'ahi para cima.

8.º Todo o mestre de officio com tenda aberta por sua conta, competentemente registrada na camara municipal com antecedencia de seis mezes.

9.º Todo o negociante de grosso trato, posto que não seja matriculado, mas que maneje um capital de vinte contos de réis, e d'ahi para cima.

10.º Todo aquelle que exercer uma profissão scientifica ou artistica, posto que não tenha diploma, mas autorisado legalmente para seu exercicio, como boticarios, droguitas, architectos, agrimensores, ou engenheiros civis, etc.

11.º Todo o empregado publico, que tenha de ordenado 800\$000 réis, e d'ahi para cima; assim como todo aquelle que receber do thesouro publico (geral ou provincial) igual quantia a titulo de pensão, aposentadoria, jubilação ou reforma.

12.º Os administradores ou gerentes das grandes fabricas e officinas; e finalmente todo aquelle que exercer uma industria util por sua conta, sem dependencia de outrem: etc.

Eis-ahi as categorias, que nos lembram por ora; outras ha, que não devem ser desprezadas, como as dos escrivães, tabellães, solicítadores, corretores, leiloeiros, etc., etc.; mas que augmentariam ainda mais os casos, tornando a lei não só casuistica, como até escafistica.

Todavia, entre o estado miseravel, a que o paiz está reduzido pelo actual systema de eleição e as difficuldades que possam apparecer para uma nova reforma eleitoral, preferimos correr o risco de mil embaracos supervenientes a vegetar nesse lodacal, em que hemos chafurdado até agora.

OTILIA.

1.

O VASSALLO.

—Meo padre, acada a um moribundo! de-se pressa em vir, porque não tarda a morrer, e morrerá sem confissão?

Assim fallava ao porteiro da abbazia das Dunas um velho pobremente vestido a quem parecia ter feito uma longa perigrinação affrontando a noite e a tempestade.

O porteiro inclinou-se e entrou. Depois de meio quarto de hora, o velho viu apontar uma pequena luz no fundo do claustro, o qual, collocado perto da entrada, cercava com suas arcadas pouco elevadas um pateo relvoso onde se ouvia cair a chuva. A luz aproximou-se, e vio-se então um religioso vestido com o habito preto de S. Bento, que caminhava descoberto e em um profundo recolhimento. Chegou, se ao velho e em voz submissa disse-lhe:

—Conduzi-me, eu vos sigo.

—Mas, reverendo padre, não quereis ao menos cobrir a cabeça!... Chove muito! É uma noite de tormenta!

O padre fez um signal negativo, e, entrando o habito, deixou ver o vaso dos santos oleos e um relicario com a sagrada forma que sustentava respeitosamente sobre o peito. O velho descobriu-se e adorou a Deus de joelhos.

—Parlamos! the diz o religioso.

O velho, a quem chamaremos Guido, tomou uma grande lanterna, e seguiu illuminando o caminho. A noite era medonha. O mar do Norte, impellido por um vento impetuoso, sublevava enormes vagas que se quebravam na praia com surdos gemidos, e embora o caminho das Dunas, por onde seguia os viajantes, ficasse acima do nivel do mar, por muitas vezes virão as ondas abater-se a seus pés, como monstros, cuja garganta vomitava lençoes de branca espuma. Pesadas nuvens cobrião o horizonte; a chuva caia copiosa e o vento misturava seus gritos estridentes com o ruído monotonico das aguas. O vestido do religioso, e a pelle de cabra, que cobria o pobre Guido, estavam ensofados, porém ambos seguia a sua viagem com igual intepidez. O padre orava em voz baixa, e peidia ao Senhor das tempestades que o deixasse chegar ao leito do moribundo que o esperava. Por fim Guido exclamou:

—Lá está Furnes! já vejo a luz das casas. Desgastamos por esta vereda; em cinco minutos estaremos em casa de Gilberto. Nossa Senhora das Dunas nos faça chegar a tempo.

Apressarão-se, e atravessando as ruas da cidade mergulhada no sono, chegaram a uma miseravel cabana, edificada em um sitio isolado: via-se por entre a estreita janella uma pallida luz. Guido bateu; uma velha abriu a porta e exclamou:

—Ah! reverendo padre! foi Deus que

vos trouxe!... Gilberto vos espera para morrer.

O religioso, agradecendo a Deus, entrou e vio-se em uma cabana onde tudo indicava a mais extrema miséria e abandono. Os moveis erão poucos e grosseiros, porém do leito penhava uma couroça e um capacete, uma espada de dois punhos e um punhal, todos em bom uso. O dono destas armas fazia em um canto da camara, sobre algumas taboas cobertas do palha. Era um homem ainda moço, que parecia ser do constituição robusta, porém apear da força e da mocidade, a mão da morte o tinha ferido. Sentado na cama, lançava em torno de si olhares sombrios, e ás mãos erravam convulsivamente sobre o velho manto que o cobria. O religioso aproximou-se; porém subitamente o moribundo endireitou-se, encarou o monge com olhos espantados e exclamou:

—Ella! aia! ella!... Oh! salvame! E cobrio e resto com as mãos, como querendo livrar-se de um objecto terrivel. O padre Eusebio fez um signal a volta e a Guido, o piedoso vizinho que o havia conduzido, e ambos retiraram-se. Então aproximando-se ao leito, o monge tomou a mão de Gilberto e disse-lhe:

—Que tensis, meu irmão? É um amigo que Deus vos envia, ou antes é o mesmo Deus que vos vem visitar para sustentavos os vossos ultimos combates. Tende coragem, e com a graça do Espirito Santo procureis abrir a vossa consciencia.

—Gilberto descobriu o rosto; pareceo tornar a si, e olhando para o religioso com a expressão de uma firmeza sombria, respondeu:—Pai, eu não tenho a dizer-te.

—Porém, meu irmão, meo caro irmão, vossos momentos estão contados... Antes de apparecer perante o soberano Juiz depondo o fardo de vossas faltas e recebei em vossa alma o sangue de Jesus Christo! Ea vos supplico que me não recuseis!

Gilberto replicou com uma violencia concentrada:

—Não fallarei! tenho jurado! meus labios estão selados! Espirito do inferno, ou nada vos direi... Vos me conheceis: será preciso que vos confesse o crime, a qual me impellistes? Embora seja julgado e condemnado a torturas, não fallarei... Não hei de me deixar de vasallo!

—Meo amigo, exclamou o padre Eusebio admirado do vosso proprio nome, vos deixaria fallar, se não fosseis o meu vasallo.

—Meo amo! Ah! ah! diz Gilberto com um riso feroz, o nobre Bertholdo? não, não, elle bem sabe que se escondido prefere morrer do que fallar... Porém quem és tu? pergunta com terror olhando para o monge inclinado sobre elle, está tu... Oh! não te aproximes! Não me mostreis o vestido molhado pela agua da fonte... o qual me faz lembrar a fonte... Lança-se uma mulher nobre em um lago para afogar-se? Ah! ah! eu vos desafio agora!

—Porém depois, estendendo os braços com um gesto horrivel, repetiu em voz baixa:

—Não te aproximes a mim! Vae ter com teu espouso? Foi tu quem te mandou matar? Foi tu quem pagou o assassino? Procura o nobre Bertholdo, vai Goldelive; eu não fiz mais, que obedecer lhe!

O padre Eusebio procurou interromper este delirio, e, mostrando o Crucifixo ao infeliz vassallo, diz-lhe:

Em nome de Jesus Christo, morto na cruz por nós, confessas e peccas o vosso

crimes, e recebei a absolvição! Meu irmão, Deus vos concede ainda um momento.

—Eu não fallarei, não trahirei meu amo... Retira-te, Godelivo, a frialdade do tpo. vestidos me gela! para que me olhas com olhos supplicantes? O que ha de commum entre nós?

Tu pertences ao céu... e eu...

Não podes deixar a occulta a frente com o cobertor do leito. O padre descobriu a pureza seus labios estavam cerrados, as pulsações da corrupção tinham cessado. tudo estava consumado. O padre Eusebio prostrou-se, e com a fronte inclinada, orou até o amanhecer. Continua.

O BOM PAI

Cuida-se muitas vezes que se merece este bello titulo fazendo todas as vontades aos filhos, e tendo muitos carinhos com elles. Mas não é satisfazendo-lhes os caprichos e fingendo-lhes a vaidade que se lhes prova uma bondade verdadeiramente paternal; é cultivando-lhes o espirito e formando-lhes o coração, é excitando-os á pratica da virtude por meio de bons hábitos. Foi assim que Guilherme de Nelum, príncipe de Epinoi educou seus filhos.

Como desejava principalmente inspirar-lhes uma eterna compaixão e um grande amor pelo pobres mostrava-lhes todos os dias por suas acções que elle é o primeiro a socorrer os e mal-os. Não lhe sabia bem um bom jantur sem mandar dar a alguma familia necessitada de tudo quanto se servia de mais fino á sua meza. Não contento em mandar distribuir elle mesmo julgando-se felicissimo de dar a Deus, na pessoa dos pobres, uma parte dos grandes bens, que havia recebido da sua Providencia.

Para costumear seus filhos a seguirem tam bons exemplos, logo que chegavam á idade da razão dava-lhes dinheiro para o distribuirem aos pobres; e passado algum tempo obrigava-os á dar-lhe conta do uso que tinham feito d'elle. Quando algum d'elles lhe dizia, que tinha dado tudo aos pobres, louvava muito a sua generosidade, e dava-lhe então o dobro, do que lhe havia dado, se pelo contrario havia entre elles algum que tivesse guardado alguma coisa estava muito, dis sem-lhe dar nada, dizendo, que a sua somitigaria o tornava indigno da sua liberdade. Mas longe de ter occasião de censurar muitas vezes tinha todos os dias a consolação de ver que elles faziam consistir a sua felicidade em consolar os infelizes. O que lhe causava principalmente uma granle alegria era que havendo em sua casa o costume de dar aos pobres todo o pão que ficava na sua meza, seus filhos todos os dias ao levantar da meza pedissem muitos pães, e os partissem para verem qual havia de dar mais aos pobres. Felizes dos pais que tem taes filhos! Felizes dos filhos que tem taes pais.

Sei de uma mulher, diz Bourdon, que era pobre dos bens da terra, porém riquissima dos bens do Céu, cheia do espirito de Jesus Christo e de um terno amor para com a Santissima Virgem.

Fabricando-se nessa terra um grande templo quiz ella tambem concorrer com seu pequeno obolo para de alguma sorte ajudar a construção do piedoso edificio.

Ajuntou um escudo fructo de suas economias e o foi levar com gosto ao administrador da obra. Este observando o seu trajecto recusou-lhe a offerta dizendo, que ella antes precisava quem-lhe desse esmola, e que levasse para si aquelle dinheiro pois era pobre. Esta mulher com uma fé admi-

ravel respondeu: Pobre! Que dizeis, Senhor? Eu pobre! Pois não sou christá filha de um grande Rei, herdeira de um grande Reino?

O THEZOURO ENTERRADO.

Dous homens que viviam em um lagoa muito afastado appareceram um dia diante do Juiz.

O primeiro exprimiu-se neste termos:

Este meu vizinho, (apontando para o companheiro.) vendeu-me um bocado de terra, aonde agora achei um thesouro.

A minha consciencia não me deixa ficar com elle, visto que eu não compreendi senão o terreno e não os valores, que lá pudessem estar enterrados.

O segundo acrescentou:

—Eu tambem não posso ficar com este thesouro; não fui eu que o enterrei no meu terreno por consequencia elle não me pretence. Depois vendi o meu terreno tal qual elle estava, sem a mais pequena reserva. Sois vós respeitavel juiz a quem compete decidir este negocio.

O homem da lei respondeu do seguinte modo a estes dous homens tam probos: "Disseram-nos que vosso filho e vossa filha desejam casar um com o outro. Dae-lhes esse thesouro para elles se estabelecerem."

Os dous honrados compoizes acharam muito judiciosa a sentença e annuiram com a maior satisfação.

Amai caros leitores, amai a Justiça, ella mora no fundo do nosso coração. Quando a não escutamos, oi de nós! é que o vicio tyrantando o homem tornou-se vencedor.

2.

Um estrangeiro que presenciava este julgamento mostrou a maior admiração.

—Na minha terra, disse elle, este negocio teria terminado de outra maneira.

O comprador nem lhe passaria pela idea dar este dinheiro, que elle teria occultado com o maior mysterio. Se comtudo, apesar de suas precauções o segredo tivesse transpirado, immediatamente o vendedor mandaria citar o comprador e reivindicar os seus direitos ao thesouro. Formar-se hia um processo, que absorveria provavelmente o valor do achado se não fosse mais alguma coisa.

O Juiz muito surprehendido de ouvir estas palavras, perguntou ao estrangeiro —O sol tambem brilha na vossa terra?

—Certamente.

—E tambem lá cae chuva?

—Com certeza.

—Pois admira-me muito, continua o Juiz—há em vossa casa vacas e ovelhas?

—Temos grandes e magnificos rebanhos.

—Ora bem proseguio o Juiz—não ha duvida que é para esses innocentes animaes que Deus faz brilhar o sol e cair a chuva; porque vós não sois de certo digno de semelhantes beneficios.

Oh! se os indulgentes, pacificos, e affaveis para merecerdes os thesouros ineffaveis, que Deos, Nosso Senhor derrama sobre a terra para nós; o poder da paz é tam doce!

UMA PEQUENA ADVERTENCIA

Ai! que dissensões não vemos muitas vezes entre marido e mulher! O respeito mutuo, a indulgencia reciproca, o commum accordo, a insuperavel paz domestica e tudo o que devera ser o fructo desta santa união se muda em suspeitas, perseguições,

guilhões, insultos, desordens e perturbações. Porque isto? Não são os mesmos esposos que tanto se amavam e estimavam á só um mez, um anno, poucos annos em fim? O esposo era um anjo, a esposa uma divindade; elle era então todo belleza, ella toda graças; agora eil-os ambos tão feios? Como foi isto? É possível? Ah! meus caros leitores, muitas razoes ha e muy graves para essas mudanças imprevistas, e os meios de prevenilas numerosos; mas como não se tracta de fazer um discurso (a vós que já estaes casados ou para vós casar) mas somente de vos dar, como acima dissemos, uma pequena advertencia que não deixa de ter sua importancia, esculai: Quando ainda não estaes casados abri bem os olhos e examinaí seriamente os defeitos da pessoa com a qual ideis vos obrigar a viver uni los durante toda a vida, afim de conhecerdes esses defeitos e regular, se ainda é tempo. E quando estiverdes casados, oh! então é outro caso; é preciso fechar bem os dous olhos sobre os defeitos da pessoa com quem vos casastes. Mas, pelo contrario, o que se faz muitas vezes? Se se tracta de casamento, casase com os olhos obstinadamente fechados; e depois vive se no casamento com os olhos sempre abertos. Dahi as decepções, dahi as consumações, dahi as disputas e a guerra.

Estes principios e estas consequencias por-jeramos explicitas pelo mundo e longamente, mas não é mister; somente peçai bem nossa advertencia; que ella encerra, nós vol-o assereramos: um grande segredo de concórdia matrimonial e do paz domestica.

VARIEDADE.

COUSAS INSUPORTAVEIS

Diz Salomão que ha no mundo tres coisas insaciaveis, e uma que ainda não disse basta.

Um jornal inglez, provavelmente para imitar o estilo do rei judeu, diz que ha no mundo oito coisas insuportaveis, e uma que não é absolutamente possivel se soffrer.

As oito coisas insuportaveis são as seguintes: Criado ladrão, casa fumosa, bolsa vazia, mulher que resmungar, homem que falla sempre, criança que chora, cavallo que se pega, e navalha que não corta.

Aquella que é absolutamente impossivel se soffrer, é um assignante que reboe regularmente sua folha, e por fim de contas não paga.

Flôres e conselhos.

A quem couber.

As solteiras. Se tendes modo de amor—não loqueis em flôr, é bellas;—Olhae que debaixo d' ellas—Occulto está o traidor.

Aos Solteiros. Correi ligeiros, rapazes. —Que o tempo é das flores bellas;—Colhei uma dúzia dellas, —Que de mais vós sois capazes.—

As casadas. Se flôres vindes buscar, —Estão todas enganadas;—As que cabem ás casadas, —São os filhos a criar.

Aos casados. Pensar em flôres é coisa—Indigna do vosso estado;—Não ha mais flôres para o casado—Do que seja a sua esposa.—

Aos viúvos. Não crece aqui amarantho, —Mem adelphus ou eypressite;—A outro campo ide prestes—Procurar flôres do pranto.—

